

Um marco na história financeira nacional

por Eliane Cantanhêde
de Nova York

Um prédio de oito andares, imponente e cinzento como convém à cidade, guarda na nobre 5ª Avenida de Nova York um pedaço precioso da história recente do Brasil: o da inserção do País no mercado financeiro internacional. Funciona ali, há um quarto de século, com sucesso crescente apesar de alguns sobressaltos, a primeira agência do Banco do Brasil (BB) no exterior.

“A agência de Nova York foi um marco. Não só para o Banco do Brasil mas também para o próprio Brasil”, garante o diretor da área internacional da instituição, João Maria Stefanon. Segundo ele, há centenas de casos de bancos de todo o mundo que tentaram firmar-se no maior centro financeiro e comercial do mundo, depois de Londres, e não foram bem-sucedidos. Um a um, acabaram fechando. Esse, no entanto, não foi o caso do BB.

“Estamos instalados em Nova York definitivamente. Vamos ficar para sempre”, diz Stefanon, que participou do Seminário Brasil 95, promovido pela Gazeta Mercantil e pelo BB, realizado ontem.

A inauguração da agência do banco em Nova York foi num dia cabalístico, 1º de abril de 1969. Mas o “dia da mentira” acabou dando sorte e, hoje, a agência já tem perto de 10 mil contas, de bancos, empresas e pessoas físicas. Com ativos totais de US\$ 1,2 bilhão, lucratividade provada e posição de liquidez considerada excelente, a agência tem patrimônio líquido superior a US\$ 257 milhões, com lucros acumulados de US\$ 209 milhões e reservas adicionais de US\$ 26 milhões.

“Estamos em Nova York e vamos ficar para sempre”

Desde sua fundação, a prioridade da agência tem sido o financiamento do comércio exterior brasileiro, principalmente entre Brasil e Estados Unidos. Há algum tempo o BB vinha observando o desenvolvimento do emergente mercado de eurodólares, iniciado após o fim da Segunda Grande Guerra Mundial com a aplicação do Plano Marshall na Europa. O afluxo de dólares à disposição da reconstrução da Europa hoje gerou a criação de um mercado “off shore” de dólares (dólares negociados por não residentes em território dos Estados Unidos).

Além de suas funções originais, a agência passou a ser um dos principais correspondentes dos bancos brasileiros e sul-americanos, competindo em boas condições com os demais bancos internacionais. Atualmente, ela estende linhas de crédito comercial para mais de 120 bancos brasileiros.

No seu processo de modernização, como informa o diretor da área internacional do BB, a agência também funciona como um dos três pilares de sustentação da rede mundial privativa de comunicação do banco, a BB Worldnet, que interliga mais de 5 mil

BANCO DO BRASIL – AGÊNCIA NOVA YORK DESEMPENHO ATUALIZADO

Patrimônio líquido	US\$ 257 milhões
Capital	US\$ 14 milhões
Lucros acumulados	US\$ 209 milhões
Reservas adicionais	US\$ 26 milhões
Ativos totais	US\$ 1,2 bilhão
Número de Contas:	10 mil
Fonte: Banco do Brasil	

dependências da instituição no Brasil e no exterior, entre agências, representações e outros. A agência de Nova York é a porta de entrada de todas as unidades do continente americano na rede, exceto as brasileiras.

A inauguração da agência do BB em Nova York foi um evento histórico. Boa parte dos ministros de Estado da época, à frente da Fazenda, o atual deputado Antônio Delfim Netto, participou dos brindes e discursos do evento. Aliás, motivo de um novo marco na história brasileira: foi uma das primeiras transmissões ao vivo, diretamente de Nova York, para a televisão brasileira.

“Eu estava na diretoria de câmbio, no Rio de Janeiro, e não só vi como gravei tudo”, lembra Stefanon, com uma ressalva: como na época não havia videocassetes, ele usou mesmo o seu gravador a pilha. A imagem com som só é disponível, hoje, em algum arquivo inacessível do Banco do Brasil.

A abertura da agência de Nova York marcou a instalação do BB no hemisfério norte, e foi possível com um processo iniciado em 1964. Até então, o Banco do Brasil funcionava como banco central. A partir do ano seguinte, o próprio BC foi fundado e o BB passou a assumir suas atuais funções de banco de fomento, ou banco comercial, ativando uma carteira de câmbio própria. Seu presidente era Nestor Jost, hoje da Abifumo.

Depois da agência de Nova York, entraram em atuação, uma após a outra, as agências de Londres, Paris, Hamburgo, Frankfurt (por ora fechada, mas em vias de ser reaberta), Tóquio e Milão. Delas, talvez a mais significativa tenha sido a de Tóquio, num momento em que cresciam vertiginosamente os investimentos daquele país no Brasil e a Ásia passava a ser uma preocupação — ou, ao contrário, um interesse — estratégico para as finanças brasileiras.

“Foi a partir de todos esses movimentos que o Brasil deixou de ser passivo no cenário internacional, para ser negociador, parceiro, para discutir e interferir no processo”, conta Stefanon.

No entanto, nem tudo foram flores na história da agência do Banco do Brasil em Nova York. A década de 70 foi boa, quando floresceram os sindicatos de empréstimos, quase todos fechados em Nova York ou Londres. A agência norte-americana passou a centralizar todos os pagamentos oficiais em dólar no exterior, inclusive o pagamento de salários de todas as repartições diplomáticas e de todos os bolsistas da Embrapa, do CNPq, entre outros.

Em 1975, foram abertas as agências e representações do BB de São Francisco, Los Angeles e Miami, além dos escritórios de Chicago e Washington, mais

ou menos na mesma época. Como centro desse sistema, a agência de Nova York podia fazer praticamente tudo, inclusive captar depósitos de residentes.

A década de 80 chegou, e com ela o fatídico “setembro negro” de 1982. No rastro da moratória do México e da Guerra das Malvinas, deflagrada pela nossa vizinha Argentina contra a Inglaterra, a situação do Banco Central se complicou e o governo brasileiro decidiu unificar os caixas do BC e do BB, centralizando-os em Nova York. Em linguagem leiga, isso significava, cruamente, um puxando o outro para o buraco.

“Mas jamais o Banco do Brasil quebrou”, declara, elevando o tom de voz, João Maria Stefanon. Num certo dia de setembro de 1982, ele estava justamente em Nova York, almoçando despreocupadamente com os gerentes das agências do banco nos Estados Unidos, quando o telefone tocou no restaurante. Do Brasil, um aflito José Carlos Madeira Serrano, então diretor da Área Internacional do Banco Central, hoje já falecido, determinou ao seu correspondente do BB, Antônio Machado de Macedo, que também estava no almoço:

“O BC tinha mais de cem milhões de dólares para receber e não entrou nada. Se vira para cobrir.”

E desligou o telefone, deixando Macedo, Stefanon e os demais convivas perplexos e sem saber exatamente o que fazer, porque, àquela altura, o BB já tinha fechado sua posição do dia. Mas correram todos de volta à agência de Nova York, fizeram “uma volta ao mundo” financeiro e cobriram o caixa do Banco Central.

Só houve um problema: a agência de notícias Reuters descobriu a correria e distribuiu a informação para o mundo inteiro. E ficou a certeza — errada — de que o banco falira. “No dia seguinte, não captamos um único dólar no mercado”, lembra Stefanon, admitindo o trauma até hoje.

Mas as coisas acabaram caminhando bem. Afinal, uma nova crise só aconteceu três anos depois, em novembro de 1985, com a decretação da moratória brasileira. Mas criou-se um comitê de bancos para a negociação da dívida externa, com linhas especiais (safety net) para o país, e o final foi feliz.

Quando foram liquidados os bancos Comind e Auxiliar, o Banco do Brasil foi rápido ao acalmar o mercado internacional. Incorporou as agências e honrou os compromissos: US\$ 80 milhões do Auxiliar e US\$ 200 milhões do Comind. O tumulto do mercado assim, acabou revertendo a favor, porque o BB demonstrou vitalidade e dinamismo. Até por isso, a agência em Nova York continua lá, firme, forte e promissora. Brilhando nas luzes do belo e frio Natal que uma das cidades mais excitantes do mundo promete neste dezembro.

BANCO DO BRASIL – AGÊNCIA NOVA YORK DEMONSTRATIVO FINANCEIRO AUDITADO – EM MILHARES DE DÓLARES

ATIVOS	31.12.89	31.12.90	31.12.91	31.12.92	31.12.93
- Disponibilidade e aplicação	104,521	103,239	69,134	27,079	37,422
- Títulos e valores mobiliários	440,714	195,456	197,498	308,729	220,536
- Empréstimos, descontos e adiantamentos líquidos	424,838	662,985	670,842	657,829	709,881
- Outros créditos	7,933	15,068	31,151	22,504	23,562
- Outros ativos	31,429	33,136	33,052	28,620	23,445
Total de Ativos	1.009,435	1.009,884	1.001,677	1.042,761	1.014,849
PASSIVOS E CAPITAL					
- Depósitos	824,358	801,333	764,578	785,818	747,408
- Captação no mercado aberto	5,440	0	3,460	8,364	11,092
- Outras obrigações	7,933	15,068	23,093	16,611	14,391
- Outras obrigações	16,992	20,747	14,501	13,051	17,929
Total de Passivos	854,723	837,148	805,632	833,844	790,820
Capital e Reservas	164,712	172,736	198,046	208,917	224,028
Passivo Total e Patrimônio Líquido	1.009,435	1.009,884	1.001,677	1.042,761	1.014,848

Fonte: Banco do Brasil